

Assistência psicossocial à juventude universitária: a experiência do Programa SaudavelMente

*Daisy Maria Alves de Queiroz Rosado**

*Eulina Almeida Souza Coelho***

*Lívia Mesquita de Sousa****

*Maria Amélia Dias Pereira*****

RESUMO

O artigo enfoca a preocupação social e científica com os jovens, objeto de estudos e pesquisas na sociedade e público de grande parte de campanhas educativas. Na Universidade Federal de Goiás (UFG), o Programa SaudavelMente da Pró-Reitoria de Assuntos da Comunidade Universitária (PROCOM/UFG), com as parcerias internas e externas: Centro de Ensino e Pesquisa Aplicados à Educação (CEPAE), Hospital das Clínicas (HC), Faculdade de Medicina, da UFG e Sociedade Goiana de Psicodrama (SOGEP) desenvolve um trabalho de prevenção e tratamento junto à comunidade universitária, com uma preocupação especial voltada aos estudantes

Palavras-chave: juventude; universidade; assistência psicossocial.

Jovens como foco de preocupação social e científica

Os jovens representam uma categoria importante da sociedade juntamente com outras categorias de idade como a infância e a terceira idade. Por representarem uma espécie de projeto para a sociedade que se busca construir, existe uma séria preocupação com a saúde e a formação dos jovens. Sendo assim, há diversas campanhas voltadas à prevenção ao uso de drogas e contra as doenças sexualmente transmissíveis, especialmente a AIDS. Além disso, os jovens costumam despertar grande preocupação quando demonstram atitudes violentas. Um exemplo disso foi aquele episódio em que jovens da classe alta da cidade de Brasília atearam fogo em um índio, e tentaram se "justificar", dizendo que pensaram se tratar de um mendigo. Esse episódio levou a uma ampla pesquisa sobre violência em Brasília, que se estendeu para uma outra pesquisa sobre juventude e violência no Rio de Janeiro, sob os incentivos da UNESCO, Fundação Ford e FIOCRUZ (Minayo et alli, 1999).

Devido à imensa plasticidade em que as experiências jovens ocorrem,

torna-se uma tarefa muito complexa tentar definir a juventude, o que tem levado os estudiosos a pensarem em diferentes juventudes. O IBGE categoriza como jovens as pessoas que estão na faixa etária entre 15 e 24 anos. Já a Organização Internacional do Trabalho, utilizando essa mesma faixa etária, a divide em dois períodos: dos 15 aos 19 anos, a adolescência, e dos 19 aos 24 anos, a juventude propriamente dita. Essa distinção entre juventude e adolescência ainda é imprecisa. Segundo Canezin et alli (2002), o primeiro conceito de adolescência é mais freqüentemente utilizado nos estudos de psicologia, biologia e educação, enquanto o segundo é mais utilizado nos estudos de sociologia e antropologia.

Na verdade, para tratar da questão da juventude é preciso levar em conta tanto os conhecimentos produzidos em relação à adolescência, que têm a tendência a serem mais universalistas em suas caracterizações, quanto aqueles voltados para as determinações específicas que contribuem para a definição do jovem, como sua classe social e seu contexto histórico-geográfico. Os estudos sobre adolescência que tentam caracterizá-la de modo mais

universal têm um grande exemplo na psicanálise, buscando uma caracterização da adolescência como crise e busca por identidade, conforme apresenta Erik Erikson (1976). Segundo esse autor, há algumas características próprias do período da adolescência: preocupação com o que se parece aos olhos dos outros; preocupação com papéis sociais; mudança do meio familiar e escolar, para o meio mais amplo da sociedade; busca por ideais; mudança de referência dos adultos para os pares; busca por se firmar de modo grandioso em relação à profissão; superidentificação com heróis - perda temporária da individualidade; aderência a grupo e etnocentrismo.

Aberastury & Knobel (1989) propuseram denominar de "síndrome normal da adolescência" as vivências pelas quais todos os adolescentes costumam passar. Essa síndrome é composta por 10 itens: busca de si mesmo e da identidade; tendência grupal; necessidade de intelectualizar e fantasiar; crises religiosas; deslocalização temporal; evolução sexual desde o auto-erotismo até a heterossexualidade; atitude social reivindicatória; contradições sucessivas em todas as manifestações da conduta; separação progressiva dos pais; e constantes flutuações do humor e do estado de ânimo.

Há, entretanto, uma outra forma de ver os jovens, dentro de uma discussão que busca evitar qualquer definição a priori sobre juventude ou adolescência. Segundo Bock & Liebesny (2003),

"Para a psicologia sócio-histórica, a adolescência não é vista como uma fase natural do desenvolvimento. A adolescência não existiu sempre, pois se constituiu

na história a partir de necessidades sociais com o mundo adulto e com as condições históricas em que se deu seu desenvolvimento. Assim, a adolescência é uma fase de desenvolvimento na sociedade moderna ocidental. Não é universal e não é natural dos seres humanos. É histórica." (p. 210)

Mesmo com toda a padronização promovida pelos meios de comunicação de massa, há diferenças significativas entre os jovens, dependendo do seu status social, de sua escolaridade, de sua região geográfica, de sua religião etc. Nesse sentido, os jovens universitários, por exemplo, possuem particularidades que estão relacionadas à condição de estarem vinculados a uma universidade e a um plano de vida que é a busca por uma carreira profissional. Sabe-se que o número de pessoas que alcançam o ensino superior é tão pequeno em relação à população brasileira, que é chamado de topo da pirâmide. Segundo Araújo & Ristoff (2003), "dados da Pnad/IBGE e do Inep revelam que temos hoje 9% da população na faixa etária de 18 a 24 anos na educação superior" (p. 34). O fato de estar em um grupo pequeno de pessoas que alcançam o ensino superior já é bastante significativo do quanto a formação profissional representa um valor para esses jovens, que viram nesse caminho a possibilidade para sua realização pessoal, seja ela mais firmada em expectativas financeiras ou em satisfação pessoal com o trabalho.

Estudantes universitários como uma categoria de jovens

Os jovens universitários, assim como os demais, são motivos de cuidado ou preocupação. Uma das características muito atribuídas a eles na literatura é a rebeldia ou um certo caráter revolucionário. Habermas et alli (1968) e Inani (1968) defenderam que, embora não haja garantias de que se tornem revolucionários e haja muitas diferenças entre os jovens, eles, especialmente os universitários, mais propensos a se tornarem mais revolucionários ou "radicais". Esta visão está ligada à idéia de que em um momento de mudan-

ças, como na adolescência, eles passam a contestar valores familiares e isso se estende para uma contestação a todo tipo de autoridade (Manheim, 1968). Está implícita uma noção de que os jovens estão mudando seus valores e seus ideais, passando de valores mais familiares a outros mais amplos.

A mudança do contexto familiar para o contexto mais amplo de alguma forma é experienciada na entrada para o curso superior, que representa um novo universo, principalmente para aqueles que se mudam para outra cidade. Em relação às vicissitudes pelas quais o jovem universitário pode estar passando, Muller & Mergulhão (1999) apontam que o ingresso na universidade pode significar o reviver de antigos conflitos no seio familiar, e o enfrentamento de novos conflitos, como a busca por autonomia, a separação dos pais, sentimentos de culpa por esse processo de busca e separação. Noto et alli (1998), em sua experiência de atendimento a estudantes, apontam as seguintes dificuldades pelas quais pode passar o universitário: "instabilidade na dedicação aos estudos, dificuldades na socialização, dúvida quanto à decisão vocacional e insegurança quanto a poder acompanhar o curso" (p. 90).

Há nessa forma de abordagem ao jovem universitário a noção de que ele precisa ser ajudado para alcançar seu objetivo, que é o de se manter estudante e concluir seu curso com qualidade. Não há necessariamente a preocupação com o posicionamento político do jovem que se forma, como é visto nos trabalhos anteriores, citados acima, que se preocupam em saber como esse jovem se posicionará diante da sociedade, procurando mudá-la ou se adaptando a ela. Os universitários são vistos como pessoas que estão vivendo uma certa transição, pois deles não se espera de pronto um posicionamento profissional. Lipset (1968) chamou o tempo da universidade como "período de relativa liberdade de responsabilidades". Como afirmam Bourdieu & Passeron (1968) "sem dúvida os estudantes vivem, e o sabem, num tempo e num espaço originais" (p. 61).

Dentre as formas de abordagem

da juventude universitária, está a preocupação existente em algumas universidades com a assistência aos estudantes. Várias universidades brasileiras possuem serviços de atendimento psicológico ao estudante, o que levou à realização anual de um encontro paulista para troca de experiências nessa área (Millan et alli, 1998). Essa preocupação em atender a estudantes universitários ocorre de modo prioritário nas faculdades de medicina. Há uma grande preocupação em relação às vicissitudes enfrentadas pelo estudante de medicina, como questões de morte e impotência, estresse pelo volume de trabalho, estresse pelo contato com a realidade do sistema de saúde etc. Esses estudantes são visto como muito vulneráveis a dificuldades psicológicas. Porcu et alli (2001) relataram a incidência de 49,2% de sintomas depressivos numa população de 126 estudantes de medicina.

Esse tipo de abordagem ao universitário o insere naquela visão de que o jovem precisa de uma moratória social, ou seja, precisa ser compreendido quanto às vicissitudes por que passa em um momento de transição, que é o tempo do curso. Em um sistema de atendimento realizado na UNICAMP, os universitários são atendidos e vistos como pessoas que estão saindo do período de adolescência, no qual enfrentaram o processo de definição de identidade, cujos conflitos podem não ter sido bem resolvidos (Muller & Mergulhão, 1999).

O Programa de atendimento à saúde mental do estudante na UFG

Há quase duas décadas a Universidade Federal de Goiás, através da Coordenação de Serviço Social da Pró-Reitoria de Assuntos da Comunidade Universitária, vem trabalhando com servidores e estudantes que apresentam dificuldades no trabalho e na vida pessoal, transtornos mentais, depressão, estresse com interferência no desempenho de suas atividades e de suas realizações afetivas, no desenvolvimento da auto-estima e da expressão de sua própria potencialidade. No início, o trabalho contava com a participação de um psicólogo e com a equipe da Coordenação do Serviço Social e, a partir de

Artigo:

1993, passou a contar com uma médica psiquiatra do Departamento de Psiquiatria da Faculdade de Medicina desta Universidade. Em 1994, a equipe foi ampliada com duas profissionais: uma psicóloga e uma nutricionista, do Departamento de Desenvolvimento de Recursos Humanos e do Serviço de Nutrição da PROCOM, respectivamente. Em 1995, foi oficializada a 1ª Equipe, para trabalhar as questões de Saúde Mental.

As atividades do Programa sempre foram muito diversificadas, incluindo reuniões nos locais de trabalho, no caso de servidores, ou com coordenadores de curso, no caso de estudantes; atendimento psicológico, médico clínico e psiquiátrico; atendimento interdisciplinar; grupo de ajuda mútua a pessoas envolvidas ou interessadas pelo tema da dependência química; visitas domiciliares e, em muitos dos casos, uma associação de várias modalidades de atendimento.

A necessidade de uma nova expansão

Em 2003, o Programa teve modificações importantes que propiciaram atendimento mais amplo à juventude universitária. A exemplo do que ocorre em outras universidades, como a UNICAMP e outras universidades públicas do Estado de São Paulo, foi ampliado o atendimento psicológico e psiquiátrico aos estudantes da UFG. O programa recebeu em abril de 2003 uma nova denominação: Programa SaudavelMente, tendo sido lançado e divulgado na UFG através de folders e cartazes. A ampliação dos atendimentos só foi possível a partir de parcerias importantes com profissionais internos e externos à UFG. Uma dessas parcerias foi estabelecida com a SOGEP - Sociedade Goiana de Psicodrama, que oferece atendimentos a grupos de estudantes. Outros profissionais têm trabalhado com atendimento individual, em caráter voluntário, enquanto está sendo regulamentado um acordo entre eles e a PROCOM para uma melhor definição do vínculo dessas pessoas com a UFG. O Programa SaudavelMente fica também articulado com o já existente Programa de Assistência às Necessi-

dades da Idade Madura (PRANIM)2, também da PROCOM.

Dentre os atendimentos em processo pelo Programa, seja médico, psicológico ou social, estão os seguintes:

- Terapias individuais pelos psicólogos da Equipe;
- Atendimento médico psiquiátrico;
- Grupo de arteterapia (redirecionamento do Grupo de Ajuda Recíproca);
- Terapia para servidores, com dois grupos, na abordagem comportamental cognitiva;
- Terapia para estudantes, com três grupos, na abordagem psicodramatista;
- Dois grupos de terapia familiar;
- Visitas domiciliares pelo Serviço Social;
- Articulação com as famílias e chefes de servidores;
- Encaminhamentos para tratamento em clínicas especializadas e/ou centros de recuperação de dependentes químicos.

Em 2003 foram atendidos 343 estudantes e servidores, totalizando 1200 sessões.

Considerações finais

A juventude universitária tem seu papel na sociedade, principalmente em um país onde há índices muito baixos de escolaridade. A universidade oferece suas vagas, mas muitas vezes não é simples para o estudante se manter na vaga que conquistou, em muitos dos casos, após toda uma vida de preparação. O Programa SaudavelMente parte de uma visão de que a juventude universitária precisa realizar seu papel na sociedade, ajudando a construí-la ou reformá-la, propondo idéias e efetivando ações, mas essa mesma juventude pode estar passando por dificuldades que podem comprometer seu projeto enquanto estudante. É em relação a essas dificuldades que os atendimentos e acolhimentos profissionais podem ser muito úteis para o objetivo maior da Universidade, que é formar cidadãos.

Autores:

- * Psicopedagoga e arteterapeuta da PROCOM/UFG
- ** Assistente Social da PROCOM/UFG
- *** Psicóloga da PROCOM/UFG e coordenadora do

Programa
**** Médica psiquiatra da PROCOM/UFG

Notas:

- 1 Compõem a equipe do Programa: Livia Mesquita de Sousa, psicóloga e coordenadora do Programa; Adriano Gomes de Mattos, psicólogo e arteterapeuta; Daisy Maria Alves de Queiroz Rosado, psicopedagoga e arteterapeuta; Eulina Almeida Souza Coelho, assistente social; Lila de Fátima Carvalho Ramos, psicoterapeuta Junguiana; Maria Amélia Dias Pereira, médica psiquiatra; Rogéria Cristina Abrantes Rosique, médica.
- 2 O SaudavelMente possui um site com informações de profissionais para as pessoas interessadas em assuntos pertinentes à saúde mental - <http://www.medicina.ufg.br/saudavelmente>

Bibliografia:

- ABERASTURY, A. & KNOBEL, M. Adolescência normal. Porto Alegre: Artes médicas, 1989.
- ARAÚJO, L. & RISTOFF, D. Revista Universidade XXI, No 2, Brasília: MEC, 2003.
- BOCK, A. M. B. & LIEBESNY, B. Quem eu quero ser quando crescer: um estudo sobre o projeto de vida de jovens em São Paulo. In: OZELLA, S. (Org.) Adolescências construídas - a visão da psicologia sócio-histórica. São Paulo: Cortez, 2003.
- BOURDIEU, P. & PASSERON, J.-C., O tempo e o espaço no mundo estudantil. In: Sociologia da Juventude - para uma sociologia diferencial, vol. IV, Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1968.
- CANEZIN, M. T. et alii. Contribuições conceituais sobre juventude, família e escola. Revista Educativa, Goiânia, vol. 5, no 1, 2002.
- ERIKSON, E. H. Identidade, juventude e crise. Rio de Janeiro: Zahar, 1976.
- HABERMAS, J. et alii. O comportamento político dos estudantes comparado ao da população em geral. In: Sociologia da Juventude - para uma sociologia diferencial, vol. II, Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1968.
- IANNI, O. O jovem radical. In: Sociologia da Juventude - para uma sociologia diferencial, vol. I, Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1968.
- LIPSET, S. M. Alternativas para as atividades estudantis. In: Sociologia da Juventude - para uma sociologia diferencial, vol. IV, Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1968.
- MANNHEIM, K. O problema da juventude na sociedade moderna. In: Sociologia da Juventude - para uma sociologia diferencial, vol. I, Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1968.
- MINAYO, M. C. S. et alii. Fala Galera - Juventude, Violência e Cidadania na cidade do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: Garamond, 1999.
- MILLAN, L. R. et alii. O primeiro encontro paulista dos serviços de assistência psicológica ao estudante universitário. Revista do Hospital das Clínicas da Universidade de São Paulo, 53 (3): 156 - 161, 1998.
- MULLER, A. C. & MERGULHÃO, E. A. Texto e contexto - desenvolvendo possibilidades psicoterapêuticas. III Encontro Paulista dos Serviços de Assistência Psicológica ao Estudante Universitário. Universidade São Francisco. Bragança Paulista, 1999. (mimeo)
- NOTO, J. R. S., AVANCINI, M. A. T. O., MARTINS, M. C. F. N. & ZIMMERMANN, V. B. Anais do I Encontro Paulista dos Serviços de Assistência Psicológica ao Estudante Universitário. CEDEM/FM/USP, São Paulo: 1998.
- PORCU, M., FRITZEN, C. V. & HELBER, C. Sintomas depressivos nos estudantes de medicina da Universidade Estadual de Maringá. Revista Psiquiatria na Prática Clínica, vol. 34, nº 1, 2001.